



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

LEYLIANE ESTEFÂNY DA SILVA PORTELA

**ENSINO REMOTO E TRABALHO DOCENTE: UMA LEITURA A PARTIR DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE REGÊNCIA EM GEOGRAFIA NO ENSINO
MÉDIO**

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

LEYLIANE ESTEFÂNY DA SILVA PORTELA

**ENSINO REMOTO E TRABALHO DOCENTE: UMA LEITURA A PARTIR DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE REGÊNCIA EM GEOGRAFIA NO ENSINO
MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, modalidade a distância, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Marta dos Santos Buriti

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P843e Portela, Leyliane Estefany da Silva.

Ensino remoto e trabalho docente [manuscrito] : uma leitura a partir do estágio supervisionado de regência em geografia no ensino médio / Leyliane Estefany da Silva Portela. - 2021.

21 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - João Pessoa , 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Marta dos Santos Buriti , Departamento de Geografia - CEDUC."

1. Ensino de geografia. 2. Estágio docente. 3. Ensino remoto. I. Título

21. ed. CDD 371.225

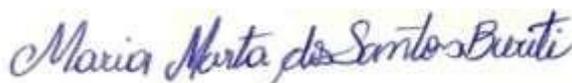
LEYLIANE ESTEFÂNY DA SILVA PORTELA

ENSINO REMOTO E TRABALHO DOCENTE: UMA LEITURA A PARTIR DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE REGÊNCIA EM GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO

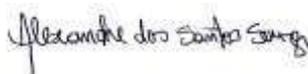
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação do Curso de
Licenciatura Plena em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, modalidade
a distância, como requisito parcial à obtenção
do título de licenciado em Geografia

Aprovada em: 06/08/2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Maria Marta dos Santos Buriti (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Alexandre dos Santos Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Jordânia Alyne Santos Marques
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

A Deus, a Senhora Geovania, minha mãe, a meu pai Lucinaldo, ao meu filho David, ao meu companheiro Silvano.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	08
2.1	Reflexões sobre o trabalho docente	08
2.2	Ensino remoto: conceito e desafios.....	11
2.3	O ensino de Geografia e o estágio supervisionado no contexto do ensino remoto.....	13
3	METODOLOGIA.....	15
3.1	Caracterização do espaço escolar.....	16
4	RESULTADOS	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
	REFERÊNCIAS	20

ENSINO REMOTO E TRABALHO DOCENTE: UMA LEITURA A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE REGÊNCIA EM GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO

REMOTE EDUCATION AND TEACHING WORK: A READING FROM THE SUPERVISED INTERNSHIP OF REGENCY IN GEOGRAPHY IN HIGH SCHOOL

Leyliane Estefâny da Silva Portela¹
Maria Marta dos Santos Buriti²

RESUMO

O estágio supervisionado faz parte da grade curricular das licenciaturas e tem entre suas finalidades a pretensão de possibilitar ao professor em formação o contato com a realidade escolar e, dentro desta, com todos os sujeitos, processos, dinâmicas e contextos que caracterizam e influenciam, de forma direta ou indireta, a prática docente. Desta forma, a realização dos estágios é sempre um momento visto com muitas expectativas pelos licenciandos, e isso não só pela oportunidade de ir ao seu futuro local de trabalho na condição de estagiário, mas principalmente pela ciência de que trata-se de uma ocasião que pode legar uma gama de experiências e reflexões. Com a implantação do ensino remoto em 2020 nas escolas brasileiras, os estágios foram redefinidos e adaptados aos novos cenários em que o processo de ensino-aprendizagem passou a ocorrer, foi exatamente o que aconteceu no Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, modalidade a distância. Foi a partir dessa redefinição que os estágios, previstos no PPC do Curso como atividades presenciais desenvolvidas nas escolas, tiveram que ser realizados remotamente. Essa mudança, apesar de desafiadora, foi também oportuna para que os licenciandos pudessem vivenciar a escola e o ensino de Geografia em uma conjuntura moldada pelo ensino remoto. O ensino remoto pode ser analisado através de muitos enfoques. Aqui, procuramos evidenciar os seus efeitos sobre o trabalho docente. Desta forma, o objetivo geral consistiu em compreender a forma como o ensino remoto tem se desdobrado sobre o trabalho docente. O estágio que serviu de base para as práticas desenvolvidas e as reflexões construídas e aqui apresentadas ocorreram na Escola Cidadã Integral e Técnica Dr. Trajano Nóbrega, localizada na cidade de Soledade-PB, no período de outubro a dezembro de 2020. A metodologia de pesquisa adotada esteve amparada na abordagem qualitativa, através da qual recorreu-se as pesquisas bibliográficas e colaborativa. Os resultados apontam para um cenário permeado de muitos desafios, que não deixam de recair sobre o trabalho docente. Com o ensino remoto, o professor passou a acumular inúmeras funções, a receber novas responsabilidades e cobranças, sem que tenha recebido o suporte formativo (capacitações) e as condições materiais para que possa responder de forma satisfatória as novas demandas. Desta forma, acabou, muitas vezes, recaindo sobre o professor a culpabilidade por problemas que são, na verdade, da educação escolar pública, que é reflexo de uma sociedade historicamente desigual.

Palavras-chaves: Estágio Docente. Ensino Remoto. Geografia.

¹ Licencianda em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: estefany_portela@hotmail.com

² Professora Substituta no Departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. Mestre e Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: martaburiti@geo@gmail.com

ABSTRACT

The supervised internship is part of the degree curriculum and has among its purposes the intention to enable the teacher in training to have contact with the school reality and, within it, with all the subjects, processes, dynamics and contexts that characterize and influence, of directly or indirectly, the teaching practice. Thus, internships are always a moment seen with high expectations by undergraduates, and this not only for the opportunity to go to their future workplace as an intern, but mainly because of the knowledge that this is an occasion that can bequeath a range of experiences and reflections. With the implementation of remote learning in 2020 in Brazilian schools, the internships were redefined and adapted to the new scenarios in which the teaching-learning process started to occur, which is exactly what happened in the Degree Course in Geography at the State University of Paraíba, distance mode. It was from this redefinition that the internships, foreseen in the PPC of the Course as face-to-face activities developed in schools, had to be carried out remotely. This change, although challenging, was also opportune so that undergraduates could experience the school and teaching of Geography in a context shaped by remote education. Remote learning can be analyzed through many approaches. Here, we seek to highlight its effects on teaching work. Thus, the general objective was to understand how remote teaching has unfolded on the teaching work. The internship that served as the basis for the practices developed and the reflections built and presented here took place at the Escola Cidadã Integral e Técnica Dr. Trajano Nóbrega, located in the city of Soledade-PB, from October to December 2020. The methodology of The research adopted was supported by the qualitative approach, through which bibliographic and collaborative research was used. The results point to a scenario permeated with many challenges, which do not cease to fall on the teaching work. With remote teaching, the teacher began to accumulate numerous functions, to receive new responsibilities and demands, without having received the training support (training) and the material conditions to be able to satisfactorily respond to the new demands. In this way, the teacher often ends up being blamed for problems that are, in fact, of public school education, which is a reflection of a historically unequal society.

Keywords: Teaching Internship. Remote learning. Geography

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2020 foi um ano emblemático para a educação escolar brasileira, uma vez que diante da pandemia da Covid-19 e da necessidade de adotar estratégias em todos os setores da sociedade que pudessem viabilizar o distanciamento social, o ensino remoto foi implementado como uma medida emergencial para dá continuidade as atividades escolares suspensas em março. Com a emergência desse novo e desafiador modelo de ensino os sistemas educacionais, sobretudo da rede pública, foram expostos a novos contextos que passaram a agravar diversos problemas já presentes na educação escolar pública, como a inacessibilidade ou acesso limitado de alunos e professores as tecnologias digitais utilizadas na educação.

Embora já discutidas há um tempo na educação como possibilidades para dinamizar o processo de ensino e aprendizagem, as tecnologias digitais ainda são ferramentas distantes para muitas escolas, de modo que a adoção emergencial e repentina do ensino remoto e a necessidade que ele trouxe de acionar estas tecnologias acabou configurando um processo de ensino-aprendizagem em certa medida excludente em que poucos alunos têm acesso. Isso porque, o uso das tecnologias na educação depende, antes de tudo, de um esforço estrutural para que as escolas tenham acesso a elas e que os seus sujeitos, dos professores aos alunos, possam receber formação para utilizar estes recursos da melhor forma possível. Para tanto, em condições normais, seria necessário um processo de transição gradativo, com qualificações profissionais, aquisição de equipamentos adequados, estruturação das escolas e planos pedagógicos que abordassem a temática, o que não foi visto com a implementação do ensino remoto. É claro que não se esperava uma pandemia como esta, todavia, se as escolas públicas brasileiras fossem melhor estruturadas essa mudança no modelo de ensino efetuado não teria sido tão impactante.

O fato é que o ensino remoto tornou-se o modelo aparentemente viável frente a necessidade de distanciamento social, porém esse novo modelo tem transcorrido levantando vários questionamentos. Um dos principais, circunda em torno do quão realmente viável ele é, já que para muitos alunos o ensino remoto é extremamente excludente, sobretudo para aqueles que não possuem acesso as tecnologias necessárias para terem acesso ao processo de ensino e aprendizagem via plataformas digitais. Outra questão também igualmente preocupante tem a ver com a reconfiguração, e em certa medida, com a precarização, do trabalho docente que imerso em um contexto de rápidas mudanças nas práticas e metodologias e de incertezas quanto a aprendizagem dos alunos, tem sido cobrado para atender demandas que, muitas vezes, vão além do ofício docente.

Diante desse quadro, achamos pertinente levantar como questão de pesquisa: em que medida o ensino remoto tem impactado o trabalho docente na escola? Para pensar esta questão, tivemos como base as experiências vivenciadas ao longo do estágio supervisionado de regência, que foi realizado na Escola Cidadã Integral e Técnica Dr. Trajano Nóbrega, localizada na cidade de Soledade-PB, no período de outubro a dezembro de 2020. Este estágio fez parte das atividades desenvolvidas junto ao Curso a distância de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, que funciona na modalidade a distância.

Desta forma, o objetivo geral especificado consistiu em compreender os desdobramentos do ensino remoto sobre o trabalho docente na escola. O cenário que se vivencia nas escolas, desde o ano de 2020, é sugestivo de muitos problemas para o trabalho docente. O professor passou a assumir inúmeras funções, além das tantas que já possuía. Coube, em muitos casos, ao professor criar formas alternativas de aprendizagem para os alunos que não têm acesso as plataformas digitais, passando este a se dividir entre as atividades síncronas (online) e assíncronas (postagens de atividades em espaços virtuais e elaboração de atividades impressas para serem distribuídas com os alunos). Além disso, paira sobre os docentes uma cobrança excessiva para que estes deem conta de responsabilidades que, muitas vezes, nem suas são, já que o plano de fundo do ensino remoto é um problema estrutural da educação escolar pública brasileira, isto é, a desigualdade socioeconômica e a prevalência de uma sociedade historicamente contraditória que nega possibilidades para uma grande parcela da população.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Reflexões sobre o trabalho docente

Neste tópico é apresentada algumas reflexões teóricas construídas acerca do trabalho docente com a finalidade de construir um entendimento sobre os fatores relacionados ao exercício docente e a forma como este é visto na sociedade brasileira atual. Sabe-se que a desvalorização do professor é um fato persistente e caracterizado, entre outros aspectos, pela falta de reconhecimento e prestígio social, pela prevalência de salários baixos, por carga horária exaustiva, pelo pouco incentivo à formação continuada, entre outros aspectos, que acabam impactando os professores de diversas e diferentes formas.

De acordo com Paro (2012), muitas questões devem ser consideradas quando se trata de pensar o trabalho docente, de modo que:

Três delas podem ser destacadas em virtude de sua abrangência e importância: a assistência pedagógica a ser fornecida aos educadores em seu ambiente de trabalho, o oferecimento de adequadas condições objetivas de trabalho e a gestão do tempo dedicado às atividades escolares (PARO, 2012, p. 588).

Isso quer dizer que não se deve analisar o trabalho docente como uma prática isolada que acontece na sala de aula. O trabalho docente envolve fatores que acontecem na escola e fora dela e que de alguma forma determinam os contextos onde acontece o processo de ensino-aprendizagem. Conforme apontado por Paro (2012), é necessário que haja uma rede pedagógica de apoio ao professor, pois é através desta que a prática docente se constitui como um processo e não como um ato isolado. Para isso, no entanto, se faz necessário investimentos amplos na educação, que permitam ao professor condições de trabalho e uma remuneração condizente com a importância e demanda da profissão. É desta forma que o professor não precisará se degradar, tendo que se dividir entre várias escolas para conseguir compor uma renda suficiente a sua sobrevivência. A atividade docente requer tempo, pois não se limita as horas de sala de aula. Deve-se levar em conta o tempo necessário para o planejamento, pesquisa e aperfeiçoamento dos saberes docentes.

Todavia, o que tem sido visto, de forma geral, é a reprodução de processos de desvalorização e perda de autonomia dos docentes (TARDIF, 2013). Isso revela os problemas que a tempos permeiam a educação escolar e que refletem com muita intensidade no trabalho docente.

De acordo com Rufino (2017, p. 1258):

Na perspectiva da profissionalização do ensino, o trabalho docente pode ser compreendido como uma construção social contingente e oriunda das atividades desenvolvidas cotidianamente pelos professores no exercício de suas ações profissionais na escola. Essa organização laboral apresenta um forte componente interativo em sua estrutura.

Nesta direção, o trabalho docente configura-se na interação, ou seja, no estabelecimento de relações sociais diversas que se constroem no contexto de realização da prática. Para Reis (2013, p. 37), “o trabalho docente está sujeito aos novos contextos de trabalho do mundo moderno, às legislações que o regulam e a ordens a serem cumpridas, mesmo que a contragosto de quem trabalha”. Desta forma, o trabalho docente vai adquirindo novos contornos de acordo com as mudanças que vão acontecendo na sociedade.

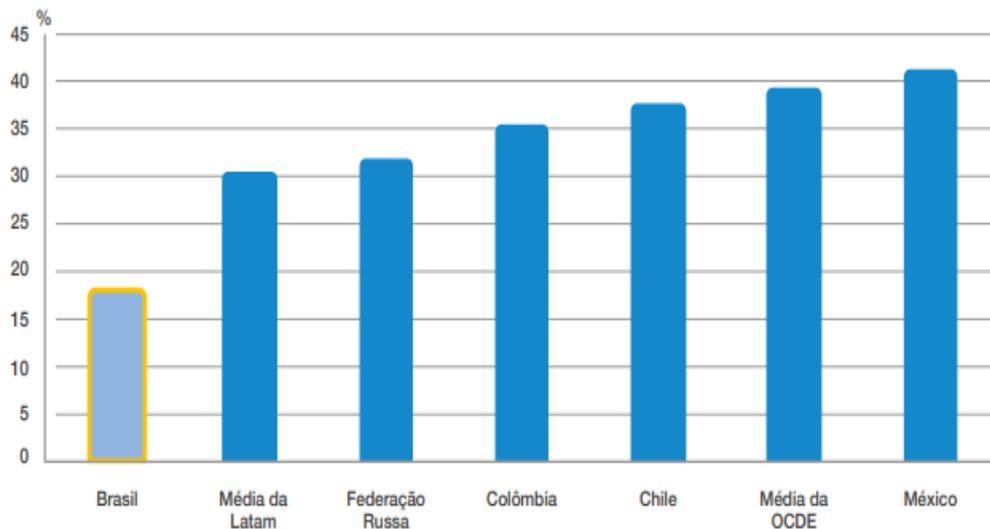
Conforme apontado por Paro (2012, p. 609):

Na tentativa de discutir a forma como se realiza o trabalho docente, com vistas a tornar a estrutura da escola adequada a uma prática escolar democrática, percebemos que o elemento mais conspícuo dessa discussão é, sem dúvida nenhuma, a especificidade do trabalho pedagógico. Este se diferencia de maneira radical do trabalho na produção

tipicamente capitalista, porque seu objeto de trabalho (o aluno) precisa ser também sujeito, ou seja, ele é coprodutor num processo de trabalho que tem por fim a formação de sua personalidade em termos humano-históricos.

Isso deixa claro a complexidade do trabalho docente que pauta-se na formação de sujeitos para serem cidadãos ativos e conscientes. Segundo o Relatório da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, publicado em 2018 observa-se que os professores brasileiros têm os menores índices de satisfação quanto aos seus salários quando comparados ao demais países que integram a OCDE. Esses dados, juntamente com outros fatores, podem explicar o porquê de professores estarem se afastando cada vez mais da docência.

Gráfico 1 – Satisfação salarial dos professores – 2018



Fonte - (OCDE, 2019).

É possível observar no gráfico que menos de 20% dos professores brasileiros estão satisfeitos com seus salários. Tais dados são vistos com preocupação, pois se não há valorização profissional também não há valorização da educação. É notório, portanto, que apesar da educação brasileira ter vivenciado alguns avanços ao longo do tempo, desafios importantes ainda existem e, com a pandemia da Covid -19, outros desafios surgiram. Para elevar a qualidade na educação, a profissão docente precisa ser valorizada. Dessa forma, se faz necessário o desenvolvimento de políticas e práticas que valorizem os profissionais de educação contribuindo o enfrentamento das problemáticas históricas da educação.

2.2 Ensino remoto: conceito e desafios

Com a implantação do ensino remoto como estratégia emergencial para dá andamento ao ano letivo nas escolas surgiram vários debates, inclusive aqueles que põem em questão a própria viabilidade deste modelo de ensino, visto que ele não consegue contemplar a todos os alunos da mesma forma. Entre os inúmeros esforços de conceitualização para o que seria esse ensino remoto, temos vistos já algumas concepções formadas. A princípio houve até uma tentativa de tentar compreender o ensino remoto através de suas semelhanças com a educação a distância. No entanto, se faz necessário diferenciar o ensino remoto da EAD para que possamos compreender melhor os desafios enfrentados por esse novo modelo de ensino.

Ensino remoto e EAD não são a mesma coisa. Na literatura educacional não existe escritura sobre o "ensino remoto", uma vez que, diante do contexto de pandemia (Covid-19), é uma experiência extremamente nova. Para esclarecer o conceito de EAD, o artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96) nos diz, em seu inciso 4º, que: esta educação tem como pressuposto desenvolver-se a distância assíncrona, ou seja, que não ocorre ao mesmo tempo. Já a modalidade remota utiliza plataformas para adaptação da mediação didática e pedagógica de forma síncrona, que significa ao mesmo tempo (EAD e ensino remoto: pedagoga explica a diferença. Leia Já Nacional, 22 de mai. de 2020, 2020. Disponível em <<https://www.leiaja.com/carreiras/2020/05/22/ead-e-ensino-remoto-pedagoga-explica-diferenca/>>)

Nesta perspectiva, fica claro que o ensino remoto tem suas especificidades e surgiu de uma forma emergencial, não se configurando como uma modalidade, mas como um modelo, até então pressuposto em caráter temporário, que permitiu o andamento das atividades escolares durante a pandemia da Covid-19. A Educação a Distância (EAD) possui toda uma estrutura estabelecida em leis com sistema de avaliação e monitoramento definidos, o que facilita a sua compreensão conceitual. Segundo Moraes (2020, p. 48), no que se refere as diferenças entre a Educação a Distância (EAD) e o Ensino Remoto Emergencial (ERE):

Para entender melhor a diferença entre os dois institutos é preciso esclarecer que as legislações que os regulamentam são diferentes. A EAD é regulamentada pelos decretos nº 9.057, de 25 de maio de 2017 e o de nº 9.235 de 15 de dezembro de 2017. Já o ERE é regulamentado pelas portarias ministeriais 343, 345, 395, 544 todas do corrente ano e mais a medida provisória 924/2020 que convertida na Lei nº 14.040/2020.

No caso do ensino remoto, contudo, não existe ainda um aparato regulamentário bem definido, o que dificulta a formulação de uma concepção geral sobre esse modelo, direcionando as suas concepções até então para uma compreensão construídas a partir de realidades particulares retratadas pelos autores que vivenciam estas realidades. Isso não quer dizer que não

seja possível identificar alguns aspectos gerais acerca do ensino remoto, contudo, em essência, sua configuração nas escolas é muito variável. Para Moraes (2020, p. 48):

O termo remoto significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. E é considerado emergencial em decorrência de situação inesperada e imprevista.

Dessa forma, fica evidente que o ensino remoto em si já é desafiador pela dificuldade de estabelecer uma unidade em torno das condições, contextos e configurações do processo de ensino e aprendizagem. É preciso pontuar que, embora se reconheça a excepcionalidade do momento que vivenciamos desde o ano de 2020 em razão da pandemia e a necessidade de medidas emergenciais, não se pode negar que toda grande mudança na educação requer ações planejadas que levem em conta o gerenciamento dos desafios, e isso não aconteceu.

O que pode-se observar no contexto de implantação do ensino remoto foram professores fazendo formações rápidas e superficiais acerca do uso de plataformas e aplicativos utilizados de forma emergencial e improvisados. Neste sentido, em muitas escolas não houve formações adequadas para a transição do ensino presencial para o ensino remoto.

Essa mudança foi brusca e trouxe com ela questões referentes a estruturação, planejamentos, cronogramas e conteúdo, tendo em vista que o processo de ensino-aprendizagem passava a ocorrer em outros contextos. Como os professores que tinham até então como referência o ensino presencial, levaram a sala de aula para casa? Esse questionamento torna-se importante para que possamos entender o processo de transição do ensino presencial para o ensino remoto e os seus efeitos sobre o trabalho docente.

As secretarias de educação Brasil afora foram estabelecendo diretrizes para a implantação do ensino remoto. Desta forma, vários direcionamentos foram sendo dados, a exemplo da possibilidade de trabalhar com plataformas digitais, aplicativos de mensagens, de vídeos, de áudios, entre outros. Observa-se que não houve um plano nacional para estabelecer o ensino remoto e que houve uma evidente falta de estrutura para que os professores pudessem realizar suas aulas. Assim, o ensino remoto efetivou-se de forma variável nos diferentes sistemas de ensino. Sabe-se que diante da grande diversidade dos sistemas de ensino brasileiros, não seria viável um plano nacional único para todas as escolas, contudo, ainda que em caráter norteador, seria pertinente.

Em meio a tantas dúvidas e questionamentos, a pandemia da COVID-19 trouxe grandes impactos para educação básica brasileira, em especial para educação pública, tendo em vista a falta de formação e inclusão digital, além da estruturação precária de equipamentos e outros

atrativos para a dinâmica do ensino, revelando um acesso comprometido as tecnologias digitais na educação.

Assim como tem sido evidenciados problemas materiais diversos, também se evidenciam problemas de natureza social e psicológica nos sujeitos envolvidas na aprendizagem. Muitos alunos e professores ficaram desmotivados diante das respostas, muitas vezes, insatisfatórias do processo de ensino-aprendizagem remoto.

Saviani e Galvão (2021) vão além e destacam toda uma preocupação com as contradições por traz do ensino remoto. De acordo com os autores:

[...] não cabe acatar, mesmo que “temporariamente” ou “emergencialmente”, nenhum tipo de “ensino” remoto/virtual/não presencial e afins. Até porque sabemos que o discurso da excepcionalidade serve bem aos interesses de ampliação da Educação a Distância, como já indicado pelo Parecer nº 15/2020 do Conselho Nacional de Educação (que aguarda homologação)¹¹ e como se observa pela instituição de iniciativas do governo colocadas nas Portarias 43312 e 43413, ambas de 22 de outubro de 2020 (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 45).

O que os autores destacam é o contexto mais amplo por traz do ensino remoto. Isso porque, além destes desafios imediatos encontrados no ensino remoto, junto a todo esse cenário de mudanças ainda estariam os interesses do capital para se firmar na educação, tornando esta uma dimensão ainda mais propícia a reprodução capitalista.

2.3 O ensino de Geografia e o estágio supervisionado no contexto do ensino remoto

O estágio supervisionado é um componente curricular basilar nos cursos de licenciaturas. O estágio abre horizontes ao licenciado, beneficiando-o quanto a construção da prática docente, o conhecimento na parte teórica e prática a fim de ampliar em cada acadêmico a capacidade de saber na prática esse momento que se inicia, tornando-o um educador para contribuir na transformação da sociedade. Assim, o estágio é, por excelência, um momento da formação que aproxima os alunos da realidade escolar e que contribui para a aproximação da teoria com a prática.

O estágio proporciona ao licenciando contato com o seu futuro local de trabalho possibilitando a ele o desenvolvimento e aprimoramento de conhecimentos que contribuirão para sua formação. Neste sentido, Saiki e Godoi (2007, p. 29) afirmam que “é o estágio tanto de observação e participação, como de regência que possibilita ao aluno a vivência das relações no cotidiano escolar, adquirindo informações e habilidades para formar o novo profissional”.

O estágio é um processo de reflexão para o professor em formação, oportunizando-o na prática a desenvolver habilidades importantes para sua formação. É no estágio onde o

licenciando, em parceria com o professor regente titular, terá contato com práticas relacionadas ao planejamento de aulas, a como mediar a aprendizagem junto aos alunos, entre tantas outras coisas. A relação entre o estagiário e o professor-regente é, portanto, fundamental pois é essencial que o licenciando busque conhecer a escola antes e ter esse contato com o professor-regente que será seu aliado nesta etapa de formação. Nesta linha de pensamento, Tardif (2012, p.52) diz que:

O relacionamento dos jovens professores com os professores experientes, os colegas com os quais trabalham diariamente ou no contexto de projetos pedagógicos de duração mais longa, o treinamento e a formação de estagiários e de professores iniciantes, todas essas são situações que permitem objetivar os saberes da experiência. Em tais situações, os professores são levados a tomar consciência de seus próprios saberes experienciais, uma vez que devem transmiti-los e, portanto, objetivá-los em parte, seja para si mesmos, seja para seus colegas. Nesse sentido, o docente é não apenas um prático, mas também um formador.

O convívio entre professores em formação e professores regentes titulares oferece ao licenciando conhecimento e aprendizado, visto que o professor regente titular pode transmitir sua experiência em sala de aula, possibilitando ao estagiário a oportunidade de adquirir intimidade nos saberes da formação.

Quando o ensino é presencial é possível dinamizar com aulas de campo, pois o espaço escolar pode e deve ser visto como campo de estudo a ser explorado, fica mais fácil repassar e discutir conteúdos de forma presencial, mas no ensino remoto como seria possível explorar o espaço? Quais recursos deveriam ser utilizados para repassar conteúdo? Como foi dito acima o sistema educacional não estava preparado para a inserção do ensino remoto e isso tornou as estratégias de dinamização das aulas um processo ainda mais complexo.

Para Moraes (2013, p. 263), “para ensinar Geografia é preciso que o professor se encante e encante o aluno com uma práxis pedagógica que o faça descobrir e compreender a Geografia como ciência, arte e vida”. Diante desse argumento como encantar o aluno no ensino remoto com a disciplina de Geografia? O ensino de Geografia tornou-se desafiante devido a rapidez com que foi inserido no ensino remoto, a falta de capacitações, estruturações e políticas apropriadas prejudicou o processo de ensino e aprendizado, assim como nas demais disciplinas. Além do mais, no que diz respeito à escola pública, os recursos disponíveis eram poucos e muitos professores sentiram a falta de recursos pedagógicos para ministrar as aulas de Geografia. Ensinar Geografia requer comunicação, socialização e debates frequentes e um olhar para o espaço onde se encontram os sujeitos e, o ensino remoto da forma como foi materializado, dificulta um melhor aproveitamento das aulas.

A educação sempre foi abrangente e com a globalização novos recursos foram adotados no processo de ensino e aprendizagem. Com a tecnologia tão em alta a educação passa por transformações e quem não acompanha fica para trás. Contudo, não podemos pensar essa adaptação como uma simples escolha, boa parte das escolas não têm estrutura e recursos para manter equipamentos básicos, quanto mais recursos inovadores.

Durante muitos anos foi apenas pensado em um ensino dentro da sala de aula e assim construiu-se um pensamento de que só pode aprender na escola. Com tantas descobertas a escola precisa se encaixar nesse novo contexto para que os alunos e também professores possam aprender em outros espaços, porque sempre estamos em um processo de aprendizado, seja dentro da escola ou fora dela. Para que isso ocorra, no entanto, devem ser dadas as devidas condições, tanto aos alunos como aos professores.

Desse modo, na atual sociedade ensinar não é somente passar o que se sabe, mas buscar meios para que possa atingir a todos os alunos. Pensar em todas as formas oferecidas e combinar todas elas, para que o aluno possa ter um melhor entendimento. A tecnologia nos permite oferecer essas vantagens para os alunos, por ser diversificada e atingir um número maior de pessoas, mas para que possa ser realmente eficiente precisa ser acessível a todos os alunos e professores da rede pública.

3 METODOLOGIA

Durante o Estágio Supervisionado II, Componente obrigatório do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, modalidade a distância, buscamos entender a forma de ensino adotada na educação básica e analisar o trabalho docente, sem esquecer esse momento histórico que infelizmente a pandemia desencadeou. A necessidade de observar e analisar as mudanças que o ensino remoto trouxe para educação e, mais especificamente para o ensino de Geografia e para o trabalho docente, nos fez optar por uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa para Godoy (1995) evidencia uma análise que contempla dos diferentes sujeitos e suas relações com o objeto.

Para a realização dessa pesquisa, contamos com pesquisa bibliográfica e pesquisa colaborativa. A pesquisa bibliográfica teve o propósito de agregar informações teóricas que serviram como base para a edificação das ideias que estruturaram a investigação.

Já a pesquisa colaborativa é uma prática associada ao trabalho conjunto de pesquisadores e professores no ensino (DESGAGNÉ, 2007). A pesquisa colaborativa foi uma metodologia trabalhada de forma geral no Estágio Supervisionado, pois é vista como sendo

capaz de viabilizar uma interação mais dinâmica entre estagiário e professor regente titular. Dessa forma, ao longo do estágio foram sendo realizadas práticas no âmbito da atividade docente e estas práticas foram sendo analisadas sempre na perspectiva de que se pudesse corrigir o que fosse necessário e adotar estratégias mais eficientes para a aprendizagem.

3.1 Caracterização do espaço escolar

A Escola Cidadã Integral e Técnica Dr. Trajano Nóbrega localiza-se na Rua José Rufino de Carvalho, no Bairro Jardim Cruzeiro na cidade de Soledade-PB.

Figura 1- Escola campo do estágio



Fonte: Acervo da autora (2020)

A escola mencionada faz parte da rede estadual da Paraíba e funciona no modelo integral implementado em diversas escolas estaduais paraibanas. A escola oferta apenas o ensino médio em turno integral, e também um curso técnico. No estágio trabalhou-se com as turmas do 2º ano, durante o terceiro e quarto bimestre do ano letivo de 2020. Cada turma era composta por 27 alunos, totalizando assim 54 alunos, com idades entre 16 e 18 anos.

Por conta da pandemia não se pôde estagiar presencialmente e, portanto, conhecer a escola. Diante disso, analisamos a escola pelas informações repassadas pela professora regente titular. A referida escola dispõe de: 15 salas, 1 secretaria, 1 biblioteca, 2 banheiros, 1 teatro, 1 almoxarifado, 1 arquivo, 1 cantina e 1 ginásio. Tendo em vista a realidade das escolas públicas, podemos destacar que a escola possui uma estrutura de porte médio.

4 RESULTADOS

A pandemia da COVID-19 levantou várias reflexões sobre a realidade do sistema educacional brasileiro, bem como os desafios do ensino remoto tanto para alunos como para professores e os demais integrantes da comunidade escolar. Entre estas reflexões, achamos pertinente enfatizar os desdobramentos sobre o trabalho docente.

O professor da escola pública, que já sofria no ensino presencial com a falta de equipamentos básicos, diante do ensino remoto passou a se deparar com outros problemas decorrentes da falta de estrutura das escolas para atenderem os alunos em seus diferentes perfis socioeconômico. Nota-se que o ensino remoto foi proposto de uma forma “improvisada”, sendo o meio mais viável para a realização de atividades e ministração de aulas, porém junto com ele vários desafios e problemas emergiram.

O ensino remoto foi adotado com a pretensão inicial de dá continuidade as atividades escolares. Todavia, a forma como se deu essa continuação do ano letivo pois em questão a qualidade da aprendizagem. A forma rápida como precisou ser a adaptação dos sujeitos no processo de ensino-aprendizagem remoto sedimentou muitas lacunas e isso prejudicou tanto os alunos como os professores. Como consequência, a redução da participação dos alunos foi muito evidente. Na turma estagiada, dos 54 alunos matriculados menos de 50% assistiam as aulas através das plataformas digitais, tendo dias em que apenas nove alunos assistiam as aulas síncronas.

A plataforma usada para as aulas era o *Google Meet*, o que poderia possibilitar um contato mais direto entre professor, estagiária e alunos, visto que é uma plataforma de videoconferência em que se faz possível inclusive o contato visual. Contudo, os alunos não abriam as câmeras, de modo que as aulas seguiam sem que houvesse essa interação visual com os alunos.

As aulas ministradas no contexto do estágio eram planejadas e executadas tentando envolver os alunos e promover a aprendizagem dos mesmos. As aulas contavam com a exposição dialogada apoiada em slides, em que tentávamos interagir com os alunos através de perguntas ou se eles estavam entendendo o assunto, um ou dois respondiam e isso quando respondiam. Uma das partes mais difíceis do estágio foi essa, a falta de interação dos alunos, não se sabia se eles estavam realmente prestando atenção, ou se tinham deixado o celular/computador ligados e não estavam presentes, enfim parecia que tinham apenas entrando para marcar presença.

Depois da explicação, quando dava tempo passávamos um vídeo de acordo com o assunto explanado, e por fim a professora titular dava algumas informações aos alunos, sobre questões de notas e avisos. Encerrado a aula os alunos podiam ir almoçar e descansar um pouco e depois voltavam apenas para fazer as atividades, as atividades só podiam conter de 2 a 3 questões, pois haviam também as outras atividades dos outros professores, e para não sobrecarregar os alunos todas as disciplinas seguiam essa mesma base de atividade.

As atividades tinham que ser todas objetivas, pois o professor ficava com uma grande carga para a correção, e pelo sistema do aplicativo o próprio já fazia a correção, então os professores pegavam a pontuação do aluno, dava a nota e colocava no sistema. As atividades eram elaboradas pela estagiária e entregues a professora regente que disponibilizava na plataforma *Classroom* juntamente com um texto base para que os alunos que não haviam assistido pelo *Google Meet* pudessem se basear para responder a atividade.

O mundo atual e a forma como ele tem impactado a educação pede novas estratégias, isso é fato. Todavia, é preciso ter em mente que estas estratégias não devem ser postas apenas no sentido de dá seguimento as atividades escolares, pois é preciso que haja uma preocupação com a aprendizagem dos alunos e com as condições de trabalho do professor.

Os alunos tem sido, em muitos casos, excluídos do processo de ensino-aprendizagem em razão da falta de equipamentos e internet, o que mostra o quão seletivo é o ensino remoto. Os professores, por outro lado, também vêm sentido os impactos. O exercício docente precisou ser, em pouco tempo, reformulado para contemplar o novo contexto da aprendizagem. Isso não foi, como se pode imaginar, um processo tão simples.

A vivência no ensino remoto proporcionada pelo estágio nas aulas remotas na Escola Cidadã Integral e Técnica Dr. Trajano Nóbrega, permitiu experienciar e refletir acerca da realidade da vida do professor através da tela do computador, das dificuldades para mediar um ensino de qualidade, das falhas do governo com relação aos investimentos, tanto para os alunos como em capacitação para os professores.

Através do estágio também foi possível observar a falta de interação dos alunos no horário das aulas, a falta de uma internet de boa qualidade, a falha do governo por não capacitar professores para um tipo de ensino assim e que apenas explicar não impulsiona o aluno a ter interesse pela aula, a dialogar com o professor e a ter um pensamento crítico.

O ensino remoto é desafiador para o professor. Desde 2020 quando foi implementado, esse modelo de ensino trouxe novas funções e demandas para o exercício docente. Pode-se perceber que o professor está tendo que se desdobrar para atender aos diferentes perfis de alunos no ensino remoto, de modo que além de planejar e efetivar sua aula pelas plataformas

de videoconferência, ainda precisa elaborar materiais didáticos para serem disponibilizados com os alunos que não dispõem da possibilidade de assistir as aulas de forma síncrona.

Outro fator que tem pesado para o trabalho docente é a organização do tempo. O *Home office* tornou a carga horária do professor mais ampla, pois ele passou a atender alunos e demandas da escola em momentos que não estaria a disposição da escola. Além disso, conforme destacado pela professora regente, a desmotivação torna-se algo constante em um cenário onde o professor não consegue ter acesso a retornos consistentes acerca da aprendizagem dos alunos, visto que o *feedback* é muito limitado.

Todos estes fatores têm configurado um contexto de dificuldade para o professor, que viu seus encargos docentes aumentarem sem que houvesse uma melhoria salarial ou nas condições materiais necessárias ao bom andamento da educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos inferir que o ensino remoto trouxe vários desafios, não apenas estruturais, mas também psicológicos e sociais. Há uma necessidade urgente de políticas públicas que visem a inclusão de tecnologias de informação, bem como de estruturação da comunidade escolar para enfrentar problemas iguais ao que a pandemia trouxe.

É necessário repensar o modelo de educação que ora se foi colocado, pois não é apenas o acesso à internet e aos equipamentos que fazem com que haja o desenvolvimento da educação, outros pontos precisam ser avaliados, inclusive o monitoramento psicossocial dos integrantes do sistema educacional.

Os efeitos dessa pandemia na educação só serão percebidos conforme o passar dos anos, a princípio o que se pode dizer é a carência de políticas educacionais adequadas para que haja o processo de ensino e aprendizagem e para que a construção do conhecimento não sofra maiores danos.

Portanto, diante de tantos desafios o presente estudo visa trazer informações que colaborem na compreensão da atual situação, bem como no desenvolvimento de planos pedagógicos que vislumbrem uma educação de qualidade para todos, diminuindo as diferenças sociais e culturais entre os mais diversos integrantes da educação.

REFERÊNCIAS

- DESGAGNÉ, S. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**. Natal, v, 29, n. 15, p. 7-35, 2007.
- EAD e ensino remoto: pedagoga explica a diferença. *Leiajá Nacional*, 2020. Disponível: < <https://www.leiaja.com/carreiras/2020/05/22/ead-e-ensino-remoto-pedagoga-explica-diferenca/>> Acesso em: 20 de mai. de 2021.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63, 1995.
- MORAES, L. C. L. de. Normas aplicáveis ao ensino remoto: uma análise das portarias Nº 343 e 345 do Ministério da Educação à luz do direito brasileiro. In.: PAIVA JUNIOR, F. P. (Org.). **Ensino remoto em debate**. Belém: RFB Editora, 2020, p. 45-56.
- MORAIS, I. R. D. Diferentes linguagens no ensino de Geografia: novas possibilidades. In: ALBUQUERQUE, M. A. M.; FERREIRA, J. A. S. (Orgs.). **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013.
- OCDE (2021) Education in Brazil: an international perspective (Educação no Brasil: uma perspectiva internacional). Disponível em: [A-Educacao-no-Brasil_uma-perspectiva-internacional.pdf \(todospelaeducacao.org.br\)](https://www.todospelaeducacao.org.br/A-Educacao-no-Brasil_uma-perspectiva-internacional.pdf). Acesso em 11 de junho de 2021.
- PARO, V. H. Trabalho docente na escola fundamental: questões candentes. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42 n. 146, p.586-611, 2012.
- REIS, B. M. Trabalho docente e qualidade de vida. **Revista Encontro de Pesquisa em Educação**, Uberaba, v. 1, n. 1, p. 37-48, 2013.
- RUFINO, L. G. B. O trabalho docente na perspectiva de professores de educação física: análise de alguns fatores condicionantes e suas restrições para o desenvolvimento da prática pedagógica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 4., p. 1257-1270, de 2017.
- SAIKI, K.; GODOI, F. B. de. A prática de Ensino e o Estágio Supervisionado. In: PASSINI, E. Y. **Prática de ensino de Geografia e Estágio Supervisionado**. São Paulo: Editora Contexto, p.26-31, 2007.
- SAVIANI, D; GALVÃO, A. C. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Revista Universidade e Sociedade**. S/L, s/v, n. 67, p. 36-49, 2021
- TARDIF, M. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. **Educação & Sociedade**, v. 34, n. 123, p. 551-571, 2013.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

AGRADECIMENTOS

A Deus agradeço pela oportunidade de ter chegado até aqui, sem ele jamais teria conseguido nada.

Agradeço a Senhora Geovania, minha mãe, por sempre me incentivar a estudar, me falando que sem estudo não somos nada e que não chegamos a lugar nenhum sem ele, minha mãe que criou quatro filhos sozinhas e sempre me mostrou a força que a mulher carrega, te agradeço demais mainha. A meu pai Lucinaldo, homem trabalhador que ficou muito feliz ao ver sua primeira filha entrar na Universidade.

Ao meu filho David, que agradeço de forma especial, pois me ensinou a ser a mulher que jamais imaginaria ser, despertando assim coragem para concluir esse curso e ser um exemplo para ele. Ao meu companheiro Silvano, que foi meu maior ajudante nesse tempo, fortalecendo nossos laços nessa caminhada. A minha família, e aos amigos que me apoiaram ao longo dessa jornada.

Não poderia deixar de mencionar aqui os amigos que construí durante o curso, que tornaram essa caminhada mais leve e sem esquecer também dos nossos tutores, coordenadores e professores que não mediram esforços nem conhecimento para sairmos aptos a profissão que escolhemos.

Minha Orientadora que também foi fundamental ao fim dessa conclusão, muito esforçada e dedicada.

E por fim não poderia esquecer da parte fundamental dessa conclusão “eu”, que em meio a trabalho, filho, casa, pandemia, contas, problemas entre outros, cheguei até aqui, com muito esforço, luta e persistência. Na maioria das vezes pensei em desistir, pensei que não iria dar conta, o fardo estava pesado, mas o carreguei até o fim e hoje estou eu finalizando com uma imensa gratidão por ter chegado até aqui.